



Isonomia, a mais doce palavra

Francisco Marshall*

A frase é de Heródoto e foi escrita há 2.560 anos para elogiar o que chamamos de democracia. O nome original era isonomia e significa o regime em que há regras que equalizam a sociedade. A palavra democracia foi usada só 84 anos após o surgimento da isonomia, em Atenas, em 508 a.C.; ela significa soberania popular, e esta é a melhor fonte política da isonomia. Com o primado da soberania popular, o exercício do poder ganha a força da legitimidade, a experiência e o conhecimento depuram as opções, o diálogo torna-se imperativo, educam-se os cidadãos para as escolhas e assegura-se o predomínio do bem comum. Este é produzido a partir das condições de igualdade jurídica em uma comunidade, com consequências culturais, sociais, econômicas e políticas, e leva a melhoras nas condições de vida da maioria ou mesmo de todos. Entre os gregos, na pólis; em nosso caso, na Universidade.

O convívio na Universidade é perturbado há anos por um desconforto que deve ser solucionado. O cerne do problema é a perpetuação de assimetrias ilegítimas dividindo a comunidade acadêmica. A diferença política vigente entre docentes, técnicos e estudantes parte de péssimos fundamentos e reproduz violações que geram mal-estar e minam a fortaleza da instituição. Injuriados com esta violência, vários setores e vozes da Universidade clamam por paridade, por meio de uma fórmula de partilha eleitoral que amplie a participação dos hoje minoritários técnicos e discentes. A finalidade desta plataforma é correta e benéfica; a palavra paridade, todavia, perpetua o problema mais grave, a distinção qualitativa no cerne da comunidade, atribuindo valores maiores e menores aos sujeitos políticos, sem justificativa aceitável.

É preciso, antes de mais nada, enfrentar e eliminar a base cultural e política que estabeleceu essas diferenças na comunidade, e então avançar para as soluções jurídicas compatíveis, que devem repercutir primeiramente na questão eleitoral.

“A diferença política vigente entre docentes, técnicos e estudantes parte de péssimos fundamentos e reproduz violações que geram mal-estar e minam a fortaleza da instituição.”

O quadro reverbera *Blade Runner*, de RYDLEY SCOTT (1982), filme em que se confrontam humanos e andróides, os replicantes. A obra demonstra a violência e a hipocrisia dessa distinção, quando um replicante salva por compaixão a vida do protagonista humano, que o persegue, e o amor floresce entre o caçador humano

e uma andróide. É assim na UFRGS, quando professores consideram-se cultural e politicamente superiores. Esse narcisismo não tem o menor fundamento, e sua prática é um insulto aos colegas técnico-administrativos. O argumento pró-docente é um platonismo típico: os professores cultuam imagem em que se equiparam ao rei filósofo, superior em virtudes devido à excelência de seu saber. São, pela ciência e por suas qualidades culturais, permanentes, em contraste com os que, consideram os docentes, possuem menos saber e são transitórios. Logo, uns valem mais; outros, menos. A pertença a um dos grupos funcionais automaticamente implica juízos morais e políticos em que o estamento prevalente sai fortalecido, à custa de um insulto inaceitável. A diferença ontológica entre docente e técnico é uma falácia que deve ser denunciada e superada; vale o mesmo para o caso dos estudantes. É uma prepotência narcísica a reserva de poder exercida por docentes, fundada em bases éticas indefensáveis.

Além do fundamento humano e político, essa cisão não resiste à análise histórica. Os fatos mostram que nas eleições muitos docentes votam movidos por conchavos, apoio a amigos, cupidez de cargos e honras ou por motivações ideológicas nem sempre adequadas para o meio acadêmico. Nada assegura a virtude inata dos atos políticos de docentes, muito pelo contrário. Na outra face do desdém pela qualidade do pessoal administrativo desta Universidade, está a insensibilidade diante da qualidade e realizações admiráveis de muitos expoentes desse quadro funcional. A título de exemplo e símbolo, lembremos o papel extraordinário de Marininha Aranha Rocha, estruturando a iniciação científica desta UFRGS, desenvolvendo com enorme qualidade o que é hoje nosso principal evento, o Salão de Iniciação Científica, âncora de nossa se-

mana acadêmica. Marininha foi uma das principais autoras do desenvolvimento científico recente desta Universidade, sempre integrada às melhores metas, sensível ao belo potencial dos novos quadros de pesquisadores, líder com a qualidade de estimular equipes e agraciando nobres finalidades. Marininha é aqui citada como símbolo de uma qualidade que se evidencia em numerosos técnicos de altíssimo nível, muitos ocupando cargos superiores em pró-reitorias, para nosso alento e orgulho, e que não podem, de forma alguma, ser desdenhados como se fossem andróides replicantes a serviço de sua alteza, os humanos platônicos. Há, naturalmente, ótimos e péssimos exemplos entre docentes e técnicos, pois não é o pertencimento a uma ou outra categoria funcional que determina o quadro de virtudes e cacoetes.

O caso discente é um pouco mais complexo, mas não pode ser subtraído desse cenário. Nossos acadêmicos não são crianças ingênuas, mas a elite da juventude atual. Em sua maioria, possuem potência política moderna, forte motivação e herdada a memória do movimento estudantil, o que lhes assegura qualidade valiosa para a mobilização política na Universidade. Sua voz tem que ser reconhecida e ampliada sua participação nas eleições, com pleno espírito isonômico e democrático. O reconhecimento desse valor requer dos docentes o abandono dos cacoetes platônicos de se acharem melhores, mais preparados, permanentes e universais, e reconhecer que a democracia é realizada com a harmonia de dissonâncias. A reserva de inovação dos jovens é o coração passional e pulsante da Universidade.

Em qualquer cenário, será imperativo desmontar o mito platônico que sustenta o privilégio docente e caminhar para a construção efetiva de uma comunidade, capaz de se reconhecer sem melindres e de cooperar para a realização do bem comum. Para isso, precisamos abandonar comportamentos e vocabulários viciados, incluindo-se a luta por paridade, termo que preserva a distinção injustificável entre humanos e andróides, fazendo do câmpus político um cenário pior que o de uma ficção científica antiga – a imagem de um mito arcaico, aristocrático. A palavra é isonomia, e com ela entendemos que é preciso revolucionar para produzirmos um ganho substantivo para nós e para as próximas gerações. É certo que um dia terá fim o atual necrogoverno, com sua voracidade antidemocrática, e que reconstruiremos os caminhos da liberdade, da participação e da dialética. É essa rota desafiadora e fecunda que devemos examinar para construir os novos tempos com a paz e a soma de todas as potências de nossa comunidade.

Em termos práticos: docentes e técnicos integrados em um mesmo colégio, com 70% dos votos, estudantes com os demais 30%.

*Professor do Departamento de História da UFRGS



Cena do filme *Blade Runner*, de RYDLEY SCOTT (1982)